

DEBATE

APLICAÇÃO DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS DA TEORIA DA  
GRAMÁTICA AO ESTUDO DO FENÔMENO DE  
*CODE-SWITCHING\**

Iiza RIBEIRO (Universidade Estadual de Feira de Santana)

*ABSTRACT: This paper deals with the code-switching phenomenon. Our main proposal is to demonstrate that the Theory of Grammar, as proposed by Chomsky (1981) and related works, can explain the way that code-switching works. The comparative research we present here reveals interesting facts about the possibilities of code-switching in pronominal subject constructions, in Wh- interrogatives, in negative clauses and unaccusative structures. It empirically supports our hypothesis that the restrictions on switching have a wider domain and must be defined in terms of abstract mental representations. We admit that the investigation of the behavior of code-switching structures may provide clues elements to a better understanding of the principles of the human faculty of language.*

*Key-words: Code-switching; Theory of grammar; Principles and parameters; Pronominal subjects; Wh-questions; Negative clauses; Unaccusative structures.*

*Palavras-chave: Alternância de códigos; Teoria da gramática; Princípios e parâmetros; Sujeitos pronominais; Interrogativas-QU; Sentenças negativas; Estruturas inacusativas.*

0. Introdução

*Code-switching* (C-S) é definido como a alternância intra-sentencial de códigos, num mesmo enunciado de um dado par de línguas<sup>1</sup>. Poplack (1979:601) verifica que a alternância intra-sentencial requer um alto nível de competência bilingüe, ou seja, esse processo envolve conhecimento dos dois sistemas gramaticais, para permitir que os falantes só passem de um código para outro quando as regras definidoras das estruturas forem partilhadas pelos dois sistemas.

Nosso estudo da alternância explorará uma teoria de gramática que tem sido desenvolvida por Chomsky e seus seguidores, nas últimas décadas, a Teoria de Princípios e Parâmetros<sup>2</sup>. Tentaremos mostrar que os princípios que regulam a distribuição das construções com alternância de códigos não são diferentes dos princípios da Gramática Universal (GU) que controlam o comportamento das expressões linguísticas em qualquer língua humana: as construções com alternância de códigos são enunciados linguísticos humanos.

De modo geral, os linguistas preocupados com esse fenômeno concordam que C-S é regido por regras e é dependente de estrutura; contudo, não há consenso sobre a precisa natureza das regras linguísticas que regem o C-S. Propostas de descrição formal da sintaxe do C-S têm sido construídas na base de: gramática de contexto livre (Sankoff & Poplack 1981, Sankoff & Mainville 1986), regras de subcategorização (Bentahila & Davies 1983), regras de estrutura frasal (Woolford 1983), entre outras. Cada uma dessas propostas se atém a um único nível de estudo do fenômeno: ou ao da estrutura superficial dos enunciados, entendida como representativa da ordem linear dos constituintes das sentenças<sup>3</sup>; ou ao de estrutura frasal, para determinar como duas gramáticas podem se alternar no meio de representações arbóreas; ou ainda ao de regras de subcategorização lexical, sem relacioná-las com uma estrutura sintática.

No modelo de gramática que adotamos, postula-se a existência de diferentes níveis de análise sintática, cada um deles licenciado por princípios da GU<sup>4</sup>. Acreditamos que no estudo dos enunciados de C-S, vistos como expressões linguísticas humanas, devem ser considerados todos os diversos níveis de estruturação da sentença. Julgamos, assim, que o fenômeno de C-S não é específico de um único componente da gramática, mas sim da gramática como um todo: se várias impossibilidades de C-S resultam de não equivalência da ordem linear dos constituintes, outras não podem ser assim explicadas; se a subcategorização permite definir certas possibilidades de C-S, não será suficiente para explicar grande parte das impossibilidades; as representações estruturais (ou estruturas frasais), dissociadas dos seus princípios licenciadores, tornam-se mecanismos descritivos, sem valor explicativo.

Tem-se sugerido uma variedade de restrições proibindo alternância em determinadas estruturas ou ambientes: C-S é bloqueado entre sujeito pronominal e verbo (Timm 1975; Gumperz 1970)<sup>5</sup>, entre verbos auxiliares e verbos plenos (Timm 1975), entre verbos e objetos (Timm 1975; Gumperz 1970), entre elementos negativos e verbos (Timm 1975), entre conjunções e sentenças encaixadas (Gumperz 1976), entre certos elementos interrogativos e verbos (Woolford 1983), entre elementos que ocorrem em ordens superficiais não equivalentes (Poplack 1978, Sankoff & Poplack 1981), e outras mais.

Como Poplack observa, o estudo de C-S em diferentes comunidades linguísticas tem apresentado um número de contra-exemplos a várias dessas restrições categoriais<sup>6</sup>. Supomos que, por serem definidas com base em um único nível estrutural (sobretudo o da ordenação linear de constituintes), as restrições propostas, e seus contra-exemplos, aparentemente não relacionados, não encontram uma explicação geral. Nossa argumentação tentará demonstrar que as restrições sobre as alternâncias devem ser definidas em termos dos princípios da GU licenciadores dos diferentes níveis estruturais e das opções paramétricas selecionadas pelas línguas envolvidas na alternância.

Poplack tem assumido a Condição de Equivalência como uma exigência de que só pode haver alternância de códigos nos pontos (ou fronteiras sintáticas) em que a justaposição das duas línguas não viola nenhuma regra sintática de ambas as línguas, ou seja, nos pontos em que a justaposição de elementos de L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub> não viola regras de estrutura de superfície de ambas as línguas (cf. Poplack 1979, entre outros dos seus trabalhos). Vamos assumir, no nosso estudo, a Condição de Equivalência de Poplack; mas, diferente dela, definiremos essa condição em termos de representações mentais abstratas, delineadas como estruturas hierárquicas dos constituintes. Concebemos, assim, que o C-S é regido por princípios e parâmetros da GU, e que a alternância só será possível nos pontos das representações estruturais abstratas em que não haja violação dos seus princípios licenciadores, para todo e qualquer par de línguas.

Klavans (1985) procura explicar as possibilidades de alternância com a noção de língua base, determinada como sendo a língua em que ocorre a forma verbal flexionada. A hipótese de uma língua base permite-lhe defender a direcionalidade assimétrica do C-S. Concordamos

com Klavans (1985) de que C-S é assimétrico, no sentido de que diferentes restrições se aplicam de acordo com a direção em que ele ocorre. Contudo, discordamos de Klavans (1985), e concordamos com Poplack (1979/1981a), de que não se pode falar em uma língua base<sup>7</sup>. Assumimos que a assimetria direcional da alternância não tem nenhum compromisso com a idéia de língua base. No entanto, ficará demonstrado no nosso estudo que a intuição de Klavans (1985) sobre a importância da forma verbal flexionada nos enunciados de C-S encontra uma explicação na consideração de que uma forma verbal e a flexão a ela associada desempenham um papel importante nas estruturas sintáticas das línguas, envolvidas ou não no fenômeno do C-S.

O nosso estudo parte de alguns dados iniciais, e formula hipóteses teóricas a partir desses dados. Evidentemente, tais hipóteses deverão ser empiricamente comprovadas por outros dados desse fenômeno lingüístico. Considerando o pequeno número de dados de C-S de que dispomos, as nossas hipóteses devem ser vistas como preditivas, o que pode/deve validar seu valor explicativo, se empiricamente confirmadas. No entanto, se Princípios e Parâmetros conseguem explicar um conjunto de fatos lingüísticos que outras teorias não conseguiram, supomos estar no caminho certo.

Queremos ainda expressar a nossa crença de que uma investigação do comportamento dos enunciados com C-S pode fornecer elementos para melhor entender o funcionamento dos princípios da GU, princípios que tentam expressar generalizações profundas sobre a faculdade humana de linguagem. Admitimos, portanto, que o estudo da alternância pode ter um valor fundamental no processo de avaliação do poder explanatório dos construtos teóricos. Problemas relacionados com essa hipótese serão apresentados na discussão das estruturas interrogativas. De modo semelhante, julgamos que a teoria de princípios e parâmetros pode auxiliar os pesquisadores do fenômeno das misturas lingüísticas, no que se refere à identificação/caracterização de diferentes/possíveis modos de realização da mistura de códigos; evidências para essa hipótese são apresentadas no item 1, sobretudo em 1.1.

O trabalho está estruturado como segue. No item 1 desenvolvemos nossas hipóteses sobre possibilidades e impossibilidades de alternância, nas seguintes estruturas: estruturas inacusativas (cf. 1.1), estruturas negativas (cf. 1.2), estruturas interrogativas (cf. 1.3) e nas estruturas com

sujeito pronominal (cf. 1.4). No item 2 apresentamos nossas conclusões finais.

## 1. Princípios e parâmetros e a condição de equivalência

### 1.1. As Estruturas Inacusativas e a Alternância entre Francês e Árabe

Segundo Naït M'Barek & Sankoff (1988), a Condição de Equivalência proíbe certas alternâncias entre o árabe e o francês. No caso especial que discutiremos aqui, alternância é impossível em estruturas tipo:

(1) \*V<sub>árabe</sub> + S<sub>francês</sub> + O<sub>francês/árabe</sub> (p.145)

sendo possível, contudo, em estruturas como:

(2) S<sub>francês/árabe</sub> + V<sub>francês/árabe</sub> + O<sub>francês/árabe</sub> (p.145)

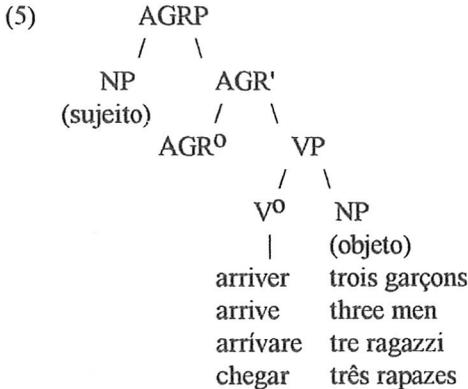
Embora a realização de (2) seja possível, eles dizem haver pouca alternância entre S(ujeito) em árabe e V(erbo) em francês, e isto se explica pela pequena proporção de frases árabes com sujeito pré-verbal, no *corpus* por eles estudado.

As construções abaixo representam, justamente, a ordem que não respeita a proibição de empregar um sujeito francês após um verbo árabe, a ordem asteriscada em (1):

- (3) a) *Camorhum* *zawak* les plats que tu fais ici  
 jamais eux te sont venus  
 (jamais de la vie, les plats que tu fais ici n'ont pas le goût)
- b) tu vois *taywalli* un échange *bhal* un troc  
 devient comme  
 (tu vois, ça devient un échange comme un troc)
- c) *za* un copain *gallik yallah nsarbu* un pot  
 est venu t'a dit allons buvons  
 (un copain est venu et nous a dit d'aller prendre un pot)
- d) *zaw* les demandes  
 sont arrivées  
 (les demandes sont arrivées) (p.145-6)



propriedades comumente concebidas como fundamentais às construções inacusativas consiste em que os verbos dessa classe selecionam um argumento interno, que é gerado na posição canônica de objeto, e não selecionam um argumento externo (=sujeito). As seguintes representações de estrutura-D (simplificadas) de construções inacusativas do francês, inglês, italiano e português podem melhor ilustrar esse fato<sup>9,10</sup>:



Na representação (5) vemos que a posição sintática do sujeito está vazia e que a posição canônica de objeto de verbo está preenchida pelo sujeito "lógico". Ao menos duas opções podem ser selecionadas pelas línguas quanto à realização superficial dessa estrutura-D: (a) o sujeito "lógico" permanece na posição de objeto; (b) o sujeito "lógico" se desloca para a posição sintática de sujeito.

Assim, na execução desses processos, as línguas se definem por diferentes opções paramétricas. Aquelas que não admitem sujeito nulo, como o francês e o inglês, realizam essas construções como em:

- (6) a) Trois garçons sont arrivés  
 b) Il est arrivé trois garçons

- (7) a) Three men arrived  
 b) There arrived three men

Nos enunciados em (a), o sujeito "lógico" foi deslocado para a posição sintática de sujeito, apresentando a ordem superficial sujeito-verbo; nos enunciados em (b), o sujeito "lógico" permanece em sua posição de

estrutura-D e a posição sintática de sujeito é preenchida por uma forma expletiva (*il/there*). Também as construções em (b) se realizam com a ordem superficial sujeito-verbo.

Nas línguas que admitem sujeito nulo, as realizações possíveis são como em:

- (8) a) Tre ragazzi sono arrivati  
 b) \_\_ sono arrivati tre ragazzi
- (9) a) Três rapazes chegaram  
 b) \_\_ chegaram três rapazes

em que o sujeito "lógico" pode ser deslocado para a posição sintática de sujeito (cf. exemplos (a)) ou permanecer na sua posição básica (cf. exemplos (b)); mas, diferentemente do que ocorre nas línguas que não licenciam sujeito nulo, nenhum pronome expletivo lexical preenche a posição sintática do sujeito em (b). No entanto, as construções em (a) e (b) são realizações da ordem sujeito-verbo, como a comparação com os dados do francês/inglês evidencia. Tais diferentes realizações da posição sujeito são permitidas pela GU e se ligam a diferentes opções paramétricas quanto às possibilidades de preenchimento ou não preenchimento fonológico da posição de sujeito, opções definidas sobretudo pelas propriedades do núcleo AGR<sup>0</sup> em cada língua<sup>11</sup>. Admitese, portanto, que a posição sintática do sujeito está sempre presente nas representações mentais das sentenças, embora certas línguas possam optar pelo não preenchimento fonológico de tal posição.

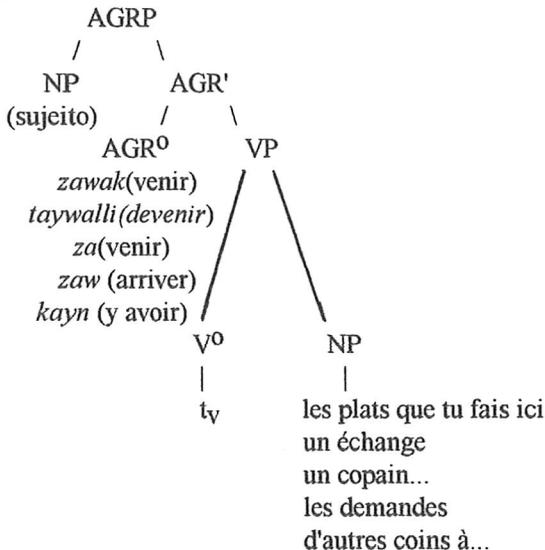
Apresentam estruturas desse tipo não só as construções denominadas apresentativas, construídas com verbos tipo "arriver", "devenir", "revenir", "tomber", "entrer", "rester", e outros, como também as construções existenciais, passivas e as reflexivas. Exemplificamo-las abaixo, com dados do francês:

- (10) a) Il est parti beaucoup de filles (Jaeggli 1982:112)  
 b) Il y a un livre sur la table  
 c) Il a été mangé beaucoup de pommes (Jaeggli 1982:121)  
 d) Il se construit beaucoup de bâtiments (Herschensohn 1982:193)

Nas construções em (10), também, há um sujeito "lógico" em posição pós-verbal e um sujeito sintático (*il* expletivo) em posição pré-verbal. Em línguas que licenciam um sujeito fonologicamente vazio, as construções em (10) se realizariam sem o pronome expletivo sujeito, mas a existência de uma posição sintática de sujeito é considerada pelos falantes nas representações mentais que eles associam a essas construções.

Definidos esses fatos, voltamos a abordar as construções em (3) e (4). Propomos uma representação de estrutura-S dessas construções como em (11) abaixo<sup>12</sup>. O preenchimento da posição sintática do sujeito por um expletivo nulo é a forma esperada: os núcleos  $V^0$ + $AGR^0$  sendo uma realização do árabe, uma língua que licencia sujeito nulo, um pronome expletivo lexicalizado deveria, realmente, estar ausente<sup>13</sup>. O licenciamento do NP em posição de objeto, o sujeito "lógico", ocorre como nas construções acima apresentadas<sup>14</sup>. A representação em (11) indica também a possibilidade do sujeito sintático e  $V^0$  se realizarem em francês e o sujeito lógico em árabe, tudo o mais sendo igual. Essa é uma hipótese a ser testada, desde que nenhum enunciado deste tipo foi apresentado nos citados estudos. Tal ausência se deve, possivelmente, ao fato de as construções tipo il + verbo inacusativo + NP serem raras no francês.

(11)



Bentahila & Davis (1983) defendem a hipótese de que C-S é determinado por regras de subcategorização. No entanto, eles analisam como casos de não equivalência estrutural as seguintes construções (p.319):

- (12) a) za le contrôle  
 came  
 b) na:Du les privés  
 arose

Segundo eles, as construções em (12) são estruturas de superfície do árabe, sem equivalência no francês. Assumimos, ao contrário, que a aceitabilidade dessas construções deve-se justamente às propriedades de subcategorização dessas formas verbais. Propomos para essas construções a mesma análise das construções em (3) e (4), todas elas apresentando uma estrutura sintática licenciada pelas propriedades de subcategorização dessas formas verbais.

Concluimos, assim, que as propriedades dessas expressões refletem princípios de operação mental, que fazem parte da faculdade humana de linguagem. Julgamos acertado admitir que não há violação da Condição de Equivalência nessas alternâncias de códigos, desde que elas refletem propriedades permitidas pela GU. São esses os fatos que nos levaram a rejeitar a análise de inserção de NP para essas construções.

## 1.2. A Restrição de C-S entre elementos negativos

Uma restrição proposta por Timm (1975)<sup>15</sup> estabelece que elementos negativos devem estar no mesmo código linguístico do verbo que sofre a negação, o que descreve a agramaticalidade de:

- (13) \*I don't quiero (Timm 1975, apud Poplack 1981a: 178)

Poplack (1981a) explica a agramaticalidade de (13) dizendo que alternância não poderia ocorrer após "do", dado que a forma contraída de "not" é um morfema preso. A Condição de Equivalência também impede essa alternância: inglês requer "do" ou um auxiliar modal para apoiar a negação; o espanhol nega inserindo a partícula negativa imediatamente antes do verbo: as duas regras não se sobrepõem, segundo ela.

Woolford (1983) questiona a formulação da restrição proposta por Timm, por a tornar muito poderosa e não explicar enunciados geralmente aceitáveis, como:

(14) El hombre hoven no took the money (Woolford 1983: 534)

Woolford (1983:534) sugere que as possibilidades e impossibilidades de C-S, em (15) abaixo, se explicam na aceitação de que as regras de estrutura frasal que expandem AUX e geram a negação e os nódulos AUX diferem em inglês e espanhol. Segundo ela, se esses nódulos são criados por regras únicas, eles devem ser preenchidos exclusivamente com itens lexicais da língua a partir da qual a regra é traçada. Assim, o AUX será ou totalmente em inglês ou totalmente em espanhol. Os exemplos apresentados em seu estudo são:

- (15) a) Yo no estoy proud of it (Labov 1971)  
 b) \*Yo no am proud of it  
 c) \*I not estoy proud of it  
 d) I'm not terca  
 e) \*I'm no terca  
 f) \*Yo estoy not stubborn  
 g) No están free (Pfaff 1979)

A nosso ver, vários fatos sintáticos interagem na definição das possibilidades/ impossibilidades de alternância nesses exemplos. Acreditamos que tais diferenças podem ser deduzidas da estrutura da GU e de parâmetros abstratos relacionados com opacidade/ transparência de AGR<sup>0</sup>, com o estatuto sintático de verbos plenos e auxiliares, com o estatuto sintático dos elementos de negação, e outros problemas relacionados.

Se consideramos as propriedades de AGR<sup>0</sup> em relação a movimento de verbo, podemos explicar a impossibilidade de (13) como sendo reflexo de uma diferença sintática abstrata, a saber, o respectivo escopo de movimento de verbo nas duas línguas em questão, assim como o estatuto e distribuição da forma "do" em inglês.

Tem-se admitido que a junção dos afixos de AGR<sup>0</sup> a um V<sup>0</sup> pleno, em inglês, se faz através do movimento de AGR<sup>0</sup> para V<sup>0</sup>, sendo impossível o movimento de V<sup>0</sup> pleno para AGR<sup>0</sup>, devido à opacidade do

núcleo AGR<sup>0</sup> <sup>16</sup>. Nas estruturas negativas, ao contrário, os afixos de AGR<sup>0</sup> não podem se deslocar para a posição V<sup>0</sup>, porque o elemento negativo atua como uma barreira no licenciamento (em Forma Lógica) da posição vazia resultante do movimento de AGR<sup>0</sup>. O inglês, então, recorre à estratégia de inserir a forma "do" na posição AGR<sup>0</sup>, sendo os afixos morfológicos de AGR<sup>0</sup> realizados em "do"<sup>17</sup>. O paradigma abaixo ilustra tal distribuição:

- (16) a) He t<sub>agr</sub> [V+AGR left ]  
 b) He [AGR did ] not [V leave ]  
 c) \*He t<sub>agr</sub> not [V+AGR left ]  
 d) \*He [AGR did] [V leave] (adaptado de Roberts 1990a: 311-2)

Em (a), o núcleo AGR<sup>0</sup> se desloca obrigatoriamente para a posição do núcleo V<sup>0</sup>; em (b), ao contrário, o elemento negativo impede o movimento de AGR<sup>0</sup> e a forma "do" é inserida obrigatoriamente em AGR<sup>0</sup>. As estruturas (c) e (d) ilustram duas impossibilidades teóricas, respectivamente: o movimento de AGR<sup>0</sup> para V<sup>0</sup> por cima de um elemento negativo e a inserção de "do" em uma declarativa afirmativa<sup>18</sup>.

Acreditamos serem esses fatos suficientes para explicar a impossibilidade de (13), cujas hipotéticas representações de estrutura-S esboçamos, simplificadamente, em (17):

- (17) a) \* I [AGR do ] not [V+AGR quero ]  
 b) \* I [AGR do + not + quero ] [VP t<sub>v</sub> ]

Nas considerações tecidas em relação às estruturas em (16), vimos que a inserção obrigatória de "do" nas estruturas negativas deriva da impossibilidade de deslocamento de AGR<sup>0</sup> para V<sup>0</sup> por cima de um elemento negativo e que a forma "do" é inserida na posição AGR<sup>0</sup>; assim, a realização morfológica de AGR<sup>0</sup> na forma do verbo "querer", em (17a), é teoricamente inconsistente. Além disso, a má-formação de (17a) se explica também pela impossibilidade do elemento AGR<sup>0</sup> ocorrer em duas posições sintáticas, numa mesma sentença: AGR<sup>0</sup> se realiza na posição em que ocorre "do" e na posição em que ocorre a forma do verbo "querer".

Na representação (17b), as duas formas verbais "do" e "quero" disputam uma mesma posição, ou seja, ambas disputam a posição núcleo

AGR<sup>0</sup>. A impossibilidade destes dois elementos ocuparem uma mesma posição também explica a irrealizável construção em (13). Conclui-se daí que "do" e "quero" estão em distribuição complementar: ambos devem ocorrer na posição AGR<sup>0</sup> em estrutura-S, sendo impossível que isso ocorra numa mesma/única estrutura.

Antes de abordarmos o conjunto de dados apresentados em (15), queremos refletir sobre algumas diferenças sistemáticas com relação à sintaxe das sentenças negativas, discutidas em Pollock (1989), Belletti (1990) e Roberts (1990a), entre outros. Tais análises mostram que os elementos negativos de uma língua devem ser identificados em relação às suas propriedades de núcleos negativos (categorias do nível X<sup>0</sup>) ou de advérbios negativos (categorias do nível XP).

Considerando sentenças negativas em italiano e em francês:

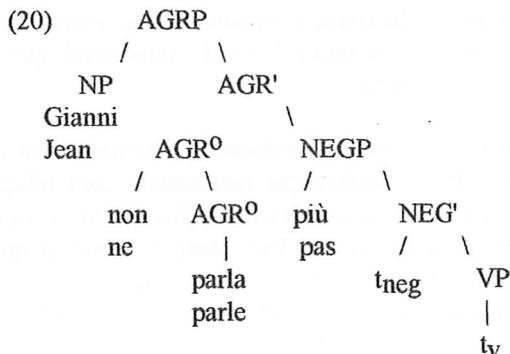
- (18) a) Gianni non parla più  
 b) Jean ne parle pas (dados de Belletti 1990: 26)

Pollock (1989) e Belletti (1990) postulam a existência de um constituinte NEGP em sentenças negativas, analisando "non"/"ne" como os núcleos da negação, sendo "più"/"pas" (e ainda: "mai" "ancora", "plus rien", e outros elementos similares) advérbios negativos que co-ocorrem com esses núcleos. Podemos ilustrar a proposta desses lingüistas numa representação como em (adaptada de Belletti 1990: 26):

- |          |  |        |                  |      |
|----------|--|--------|------------------|------|
| (19)     |  | NegP   |                  |      |
|          |  | /      | \                |      |
|          |  | Adv    |                  | Neg' |
|          |  | pas    |                  | / \  |
| francês  |  | plus   | Neg <sup>0</sup> | XP   |
|          |  | rien   |                  | ...  |
|          |  | guère  | ne               |      |
|          |  | più    | non              |      |
| italiano |  | mai    |                  |      |
|          |  | ancora |                  |      |

A partir da representação de estrutura-S em (20), das sentenças em

(18) (adaptada de Belletti 1990:27):



podemos observar que a ordem superficial desses enunciados resulta de adjunção do núcleo da negação, um elemento clítico, ao núcleo AGR<sup>0</sup> e do movimento do núcleo V<sup>0</sup> para AGR<sup>0</sup>. Vemos, também, que o sintagma adverbial negativo (*pas/più*) permanece em sua posição básica, na posição de especificador de NEG<sup>P</sup>.

Recorremos a essa análise para ilustrar o fato de que os elementos negativos de uma língua podem ter estatutos sintáticos diferentes (serem núcleos ou categorias XP), e que as línguas podem fazer diferentes opções quanto à realização desses elementos: o francês (padrão) usa sistematicamente duas formas negativas, um núcleo clítico e um XP adverbial, num processo de redobro da negação; para o italiano, o núcleo Neg<sup>0</sup> é obrigatório, mas, ao contrário do francês, o XP adverbial é opcional:

- (21) a) Gianni non parla  
 b) \*Jean ne parle

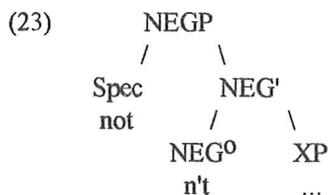
A distribuição em (21) mostra que o preenchimento lexical da posição Spec/NEG<sup>P</sup> é obrigatório em francês e opcional em italiano. Vamos assumir aqui que o espanhol apresenta um padrão semelhante ao italiano: forma as sentenças negativas com um núcleo negativo e aceita redobro da negação.

As construções em (22) abaixo ilustram uma outra opção de formação de estruturas negativas, possível de ser selecionada por uma língua:

- (22) a) Peter drikker ikke kaffe om morgenen  
P. bebe não café em manhã-a  
b) \*Peter ikke drikker kaffe om morgenen (dados de Roberts 1990a:6)

O dinamarquês constrói suas sentenças negativas utilizando somente um XP adverbial negativo, uma opção não disponível para o italiano e o francês. A impossibilidade da construção (22b) deriva do fato do verbo não ter sido alçado para o núcleo AGR<sup>0</sup>. Lembramos que o advérbio negativo permanece em posição de adjunção a VP ou no especificador de NEGP; se o verbo estiver em AGR<sup>0</sup>, a negativa só pode ocorrer como em (22a).

Existe uma outra possibilidade teórica de formação de negativas, que consiste na utilização de núcleos e advérbios negativos morfologicamente semelhantes, como parece ser o caso do inglês. Roberts (1990a:364) propõe a seguinte representação estrutural do constituinte NEGP do inglês:



em que "not" está em Spec/NEGP e a posição núcleo é realizada pela forma contraída "n't". Como o inglês não admite redobro de concordância, os dois elementos não podem coocorrer.

Roberts (1990a) diz ainda que, apesar de ser gerado em Spec/NEGP, "not" deve se cliticizar obrigatoriamente em NEG<sup>0</sup>; um NEG<sup>0</sup> contendo "n't" se liga sempre a um auxiliar flexionado, nunca a um verbo pleno. Ainda segundo ele (p.438), a forma contraída "n't" é a desencadeadora da inserção da forma "do". Por outro lado, a forma não contraída "not", quando não cliticizada, é sempre enfática, sendo a

ênfase, nesse caso, o elemento responsável pela inserção da forma "do", e não a negação. Assim, uma sentença como:

(24) I do not like pizza. (dado de Roberts 1990a:441)

é analisada como agramatical se a negação é não-enfática.

A partir dessas observações gerais, podemos examinar os dados de Woolford (1983:534), que repetimos abaixo, para facilitar a explanação:

- (25) a) Yo no estoy proud of it (Labov 1971)  
 b) \*Yo no am proud of it  
 c) \*I not estoy proud of it  
 d) I'm not terca  
 e) \*I'm no terca  
 f) \*Yo estoy not stubborn  
 g) No están free (Pfaff 1979)

A impossibilidade de (25b) se explica pelo processo de cliticização dos núcleos negativos nestas duas línguas: em inglês a negativa é enclítica ao auxiliar ou à forma "do". Por outro lado, em espanhol, a negativa é proclítica às formas verbais plenas e auxiliares (Belletti 1990). Quaisquer que sejam os princípios definidores da colocação dos elementos clíticos nas diferentes línguas, esses princípios são rígidos nas estruturas em que atuam<sup>19</sup>. Podemos generalizar esse fato dizendo que diferentes tipos de AGR<sup>0</sup> licenciam diferentes posições de clíticos. Assim, como AGR<sup>0</sup> do inglês só licencia um núcleo negativo enclítico, uma estrutura como (25b) não pode ser realizada. A impossibilidade da construção (25f) pode ser explicada da mesma forma: o núcleo negativo deve ocorrer proclítico a um verbo (ou AGR<sup>0</sup>) do espanhol.

Nossa reflexão sobre a impossibilidade do exemplo (25c), considera os seguintes fatos: (a) "not" se cliticiza na sintaxe, segundo Roberts (1990a); sendo o núcleo negativo, em espanhol, proclítico ao verbo, não há, aparentemente, violação de princípios relacionados com o licenciamento da negação nessa estrutura; (b) no entanto, como vimos acima, a forma "not" requer uma interpretação enfática, o que não deve ocorrer nesse exemplo, possivelmente devido à posição proclítica da negação. Acreditamos que uma argumentação semelhante pode ser esboçada para o exemplo (25e): o clítico "no" ocorre enclítico ao verbo do inglês, uma possibilidade permitida pela

gramática, mas a construção é excluída pela impossibilidade da forma "no", um elemento gerado basicamente como clítico, aceitar acento enfático<sup>20</sup>.

As construções bem formadas (25a) e (25g) dispensam maiores considerações; os núcleos NEG<sup>0</sup> do espanhol estão proclíticos a formas verbais do espanhol.

A última construção negativa a ser discutida, apresentada em (14) e repetida aqui como (26):

(26) El hombre hoven no took the money.

exemplifica uma estrutura que viola princípios da gramática, conforme exposto acima. Para que o verbo "take" se realize na forma de passado como "took" é necessário que o constituinte AGR<sup>0</sup> se desloque para o núcleo V<sup>0</sup>, um movimento proibido em estruturas negativas: a posição vazia de AGR<sup>0</sup>, após movimento para V<sup>0</sup>, não será licenciada nas representações de estrutura-S e Forma Lógica (Cf. Pollock 1989 e Roberts 1990a).

Se essa estrutura não pode ser licenciada pelos princípios/parâmetros que regem as duas gramáticas em questão, então (26) não deve ser um enunciado do tipo que se tem definido como C-S<sup>21</sup>. Propomos, assim, que (26) seja analisado como um processo de mistura lingüística diferente de C-S, ou seja, uma mistura lingüística gerada por uma única gramática, neste caso específico, pela gramática do espanhol. Existem dois possíveis candidatos: empréstimo e inserção de NP<sup>22</sup>. A escolha entre um deles depende de diversos fatores, relacionados com as possibilidades de ocorrência de sintagmas verbais nesses dois tipos de mistura lingüística, assim como da atuação de formas verbais flexionadas, de verbos no tempo passado, e outros fatores mais, a esses relacionados. Se nossas hipóteses estão corretas, a teoria de Princípios e Parâmetros pode, desse modo, atuar como um construto teórico fundamental à identificação e classificação formal do C-S, de um lado, e dos outros tipos de mistura lingüística, do outro.

### 1.3. A Alternância em Interrogativas-QU

Tentaremos, neste item, oferecer uma explicação teórica às restrições de C-S entre interrogativas-QU do inglês e do espanhol,

analisando, em essência, os problemas levantados por Woolford (1983). Pretendemos mostrar que as restrições na alternância desses dois códigos derivam de princípios gerais das representações sintáticas das construções-QU e de diferentes estratégias usadas por essas línguas na observância dos princípios.

As construções-QU têm sido analisadas como resultantes de movimento de AGR<sup>0</sup> (ou do elemento verbal que contém os traços morfológicos da flexão) para C<sup>0</sup>, uma opção permitida pela GU, mas usada de maneiras diferentes pelas diferentes línguas<sup>23</sup>. Uma diferença dessas estruturas que pretendemos explorar neste estudo diz respeito ao fato de, neste tipo de construção, o inglês só admitir a inversão do sujeito com um verbo tipo auxiliar<sup>24</sup>. Em espanhol, a inversão do sujeito nas interrogativas-QU pode ocorrer com qualquer tipo de verbo. Abordaremos cada um desses fatos a seguir.

Começaremos investigando os mecanismos de licenciamento das interrogativas-QU, utilizando para isso dados do inglês. Encontramos o seguinte paradigma em contextos de interrogativas matriz:

- (27) a) [CP Who [C<sup>0</sup> did [AGRP Mary see t]]  
 b) \*[CP Who [C<sup>0</sup> [AGRP Mary saw t]]  
 c) \*[CP Who [C<sup>0</sup> did [AGRP t see Mary]]  
 d) [CP Who [C<sup>0</sup> [AGRP x saw Mary]] (adaptado de Rizzi 1990)

Rizzi (1990) observa que o movimento de AGR<sup>0</sup> para C<sup>0</sup> é obrigatório em inglês quando um constituinte não-sujeito é movido para SPEC/C (cf. distribuição entre (27a) e (27b)), mas tal movimento dá origem a uma estrutura mal formada quando o elemento em SPEC/C é o sujeito (cf. o contraste entre (27c) e (27d)), ou seja, a forma "do" não pode ocorrer nas interrogativas de sujeito.

Nas construções em que o elemento-QU é um adjunto, a inversão sujeito-auxiliar também é obrigatória, como as construções abaixo ilustram:

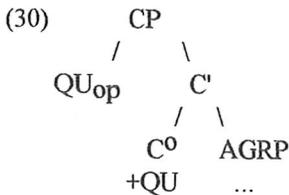
- (28) a) [CP When [C<sup>0</sup> has [AGRP John bought this book t]]]  
 b) [CP Why [C<sup>0</sup> are [AGRP you crying t]]]  
 c) [CP How [C<sup>0</sup> does [AGRP he do it]]]

Essa distribuição em relação ao movimento de  $AGR^0$  para o núcleo  $C^0$  é explicada por Rizzi (1990, 1991:2) em termos de princípios da GU. Estabelece que o licenciamento de elementos-QU é determinado pelo seguinte princípio geral:

(29) Critério-QU

- a) Um Operador+QU deve estar numa configuração Spec/núcleo com um  $X^0$ +QU
- b) Um  $X^0$ +QU deve estar numa configuração Spec/núcleo com um operador+QU

Um núcleo  $X^0$ +QU identifica a projeção máxima do núcleo  $C^0$  (=CP) como uma questão. Como um princípio geral de boa-formação das questões-QU, o Critério-QU<sup>25</sup> requer, portanto, a seguinte configuração:



Ainda segundo Rizzi (1991), a GU permite a ocorrência do traço +QU em duas posições  $X^0$ , em sentenças interrogativas matriz, nas diferentes línguas:  $AGR^0$  e  $C^0$ . Isso significa, portanto, que, quando um sintagma-QU é movido para Spec- $C'$ , esse movimento induz a uma especificação de um traço abstrato +QU no núcleo  $C^0$ , cuja realização é devida:

- (31) a) ao movimento de  $AGR^0$ [+QU] para  $C^0$ ;  
 b) à formação de uma cadeia-QU entre  $AGR^0$  e  $C^0$ , sem movimento de  $AGR^0$  para  $C^0$ , embora esteja  $AGR^0$  especificado para +QU (um processo estático de concordância Spec/núcleo) (cf. 1.3.2);  
 c) a um processo dinâmico de concordância Spec-núcleo, necessário à interpretação da sentença, sem movimento de  $AGR^0$  para  $C^0$ , por não ser  $AGR^0$ , neste caso, especificado para +QU (cf. 1.3.1).

Observemos, agora, os dados do espanhol (padrão). Torrego (1984:106) mostra que sintagmas-QU adjuntos não requerem inversão sujeito-verbo, e são do tipo: "en qué medida", "por qué", "cuando", "como", em construções como:

- (32) a) En qué medida **la constitución** ha contribuido a eso?  
 b) Por qué **Juan** quiere salir antes que los demás?  
 c) Cuándo **Juan** consiguió por fin abrir la puerta ayer?  
 d) Cómo **Juan** ha conseguido meter allí a su hijo?<sup>26</sup>

Seguindo a proposta de Rizzi (1991), podemos dizer que nessas estruturas a concordância Spec-núcleo em CP, em observância ao Critério, ocorre num processo dinâmico de concordância, como o definido em (31c), o que impossibilita o movimento de AGR<sup>O</sup> para C<sup>O</sup>.

Abordamos, a seguir, a atuação do Critério-QU nos dados do inglês e espanhol, numa tentativa de determinar as possibilidades e impossibilidades de alternância entre essas duas línguas. Procuraremos esclarecer a distribuição do traço +QU entre os núcleos AGR<sup>O</sup> e C<sup>O</sup>, e precisar as diferentes e semelhantes estratégias usadas por essas línguas na observância do Critério-QU. Analisaremos dois tipos de movimento-QU, o de adjunto e o de sujeito. Em cada tipo examinaremos os dados apresentados em Woolford (1983), refletindo, assim, sobre as possibilidades de C-S.

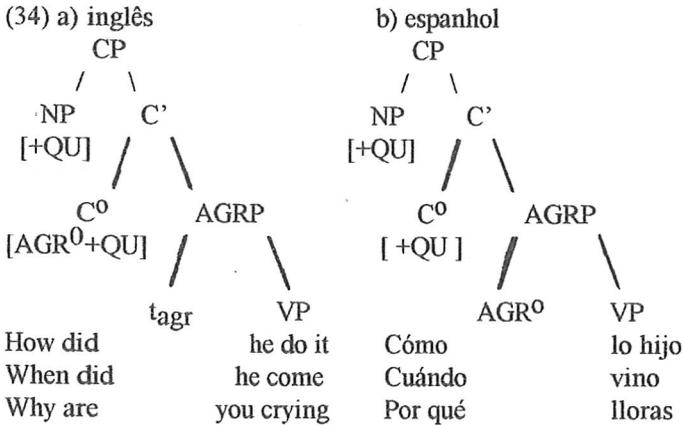
### 1.3.1 Movimento-QU de adjunto

Definidas, assim, as diferenças entre essas construções no inglês e no espanhol, podemos agora tentar fornecer uma explicação para as impossibilidades teóricas de C-S em questões-QU de adjunto, a partir dos dados apresentados em Woolford (1983:531-2):

- (33) a) \*How lo hizo? (Penalosa 1980)  
 b) \*When vino? (Penalosa 1980)  
 c) \*Why lloras?  
 d) \*Cómo did he do it?

em que as construções com alternância de códigos são agramaticais, quer o sintagma-QU adjunto seja do inglês, quer seja do espanhol.

Já observamos acima que propriedades relacionadas com o licenciamento do traço+QU no núcleo  $AGR^0$  exige que a posição  $C^0$  seja lexicalmente preenchida em inglês (por movimento de  $AGR^0+QU$  para  $C^0$ ; cf. acima); em espanhol, as formas verbais finitas permanecem dentro de AGRP, nas interrogativas-QU de adjunto, visto que o traço +QU é atribuído ao núcleo  $C^0$  (cf. as construções com sujeito lexical em (32)). As representações de estrutura-S das construções correspondentes a (33), em cada uma das línguas consideradas, como esquematizado em (34) abaixo, parecem mostrar, de imediato, uma não equivalência sintática dessas construções nas duas línguas. Considerando o conjunto de propriedades definidoras das estruturas-QU nessas duas línguas, ou seja, a de que AGR do espanhol é marcado [-QU] e de que as palavras+QU do inglês não induzem a uma concordância dinâmica, podemos concluir que os enunciados agramaticais em (33a-c) resultam do fato de violarem o Critério-QU. Para (33b), um revisor anônimo sugere se considerar ainda o fato de que 'do' não pode ser inserido nesta construção por 'cómo' desencadear concordância dinâmica.

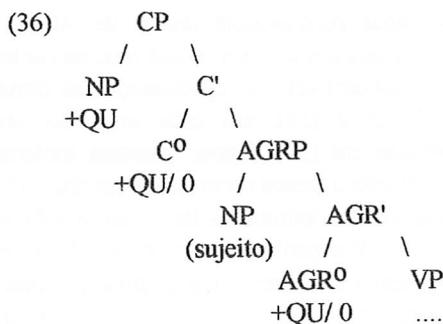


No entanto, comparando a estrutura agramatical (33c) com a seguinte construção bem formada:

- (35) a) \*Why lloras? (=33c)  
 b) Por qué are you crying? (Woolford 1983:532)

chegamos à conclusão de que esses fatos não são suficientes para explicar tal alternância assimétrica: um adjunto-QU do espanhol alterna com o inglês, mas um adjunto-QU do inglês não alterna com o espanhol.

Sobrepondo as representações (34a) e (34b), conseguimos uma hipotética estrutura como em<sup>27</sup>:



Consideramos as seguintes possibilidades de gerar uma estrutura bem formada a partir dessa representação:

- (37) a) AGR<sup>0</sup> +QU deve ser obrigatoriamente alçado para C<sup>0</sup> 0, mas só com verbos auxiliares ou a forma "do" em inglês (já vimos que um verbo pleno não é alçado para AGR<sup>0</sup> em inglês e, portanto, não pode ser deslocado para C<sup>0</sup>);
- b) AGR 0 não se desloca para C<sup>0</sup>, quer seja C<sup>0</sup> +QU quer seja C<sup>0</sup> 0; esse é o caso do espanhol, em que AGR<sup>0</sup> não é marcado +QU em interrogativas de adjunto;
- c) Um C<sup>0</sup> 0 não pode co-ocorrer com um AGR<sup>0</sup> 0, devido ao Critério-QU<sup>28</sup>, o que explica a impossibilidade das estruturas em (33a), (33b) e (33c (=35a));
- d) Um C<sup>0</sup> +QU pode co-ocorrer com um AGR<sup>0</sup> +QU? Um AGR<sup>0</sup> +QU pode/deve se mover para um C<sup>0</sup> +QU?

Se considerarmos a boa formação de (35b) como resultante de movimento de AGR<sup>0</sup>+QU para C<sup>0</sup>+QU, a resposta às perguntas em (37d) é afirmativa. No entanto, comparando (35b) a (33d), que repetimos abaixo:

(35b) Por qué are you crying?

(33d) \*Cómo did he do it?

poderíamos chegar à conclusão de que nossa análise é inconsistente com os fatos. Contudo, podemos manter a análise de que um C<sup>0</sup>+QU e um

AGR<sup>0</sup>+QU não são mutuamente excludentes, ponderando sobre os seguintes fatos: a) a estrutura (33d) se realiza com a forma "do"; b) "do" não tem propriedades de uma forma verbal plena, nem de um verbo auxiliar tipo *be/have*; c) "do" não é um elemento de estrutura-D; d) "do" é inserido obrigatoriamente nas representações, após a estrutura-D, como uma opção de último recurso; e) "do" não tem nenhum conteúdo semântico inerente. A partir disso, concluímos que as estruturas que requerem inserção de "do" são específicas da língua, não sendo, portanto, permeáveis a alternâncias que envolvam o constituinte AGR<sup>0</sup> 29.

É evidente que um problema teórico se coloca quanto às nossas questões em (37d). Segundo Rizzi (1991:22), uma posição C<sup>0</sup> +QU torna-se inutilizada para movimento de AGR<sup>0</sup> para C<sup>0</sup>. Contudo, se um adjunto-QU do espanhol desencadeia uma concordância dinâmica entre Spec/núcleo de CP, e se um adjunto-QU do inglês seleciona um AGR<sup>0</sup> +QU, a construção em (35b) deve ser resultante dessas duas operações, com o movimento subsequente de AGR<sup>0</sup> +QU para C<sup>0</sup>+QU.

Esse problema teórico ilustra o que colocamos na introdução desse estudo, em referência ao papel do estudo da alternância na investigação da GU e na avaliação da melhor proposta na explicação dos fatos lingüísticos. Se nossa análise da construção (35b) estiver correta, a hipótese de Rizzi (1991) é problemática ao menos quanto a esse dado. No entanto, não podemos deixar de salientar, mais uma vez, que nosso estudo se baseia em um pequeno número de dados, e que uma decisão teórica desse tipo requer pesquisas adicionais.

### 1.3.2 Movimento-QU de Sujeito

Apresentamos em (38b) a estrutura-D e em (38c) a estrutura-S associadas com a sentença interrogativa (38a), adaptadas de Rizzi (1991):

- (38) a) Who loves Mary?  
 b) [CP [ who AGR<sup>0</sup> loves Mary ]]  
       +QU  
 c) [CP who<sub>1</sub> C<sup>0</sup><sub>2</sub> [ t<sub>qu1</sub> t<sub>agr2</sub> loves<sub>1</sub> Mary ]]

Segundo Rizzi (1991), a representação (38b) mostra que o inglês seleciona a opção de AGR<sup>0</sup>+QU. Como o enunciado em (38a) se realiza

com um verbo pleno, e como a construção abaixo, que evidencia a inserção da forma verbal "do" em AGR<sup>0</sup>, é agramatical:

(39) \*who does love Mary?

ele conclui ser (38c) a representação de estrutura-S que explica a formação de interrogativa de sujeito-QU em inglês. Na estrutura (38c), a formação de cadeia entre (who<sub>i</sub>, C<sub>i</sub>, tQU<sub>i</sub>, tAGR<sup>0</sup><sub>i</sub>, loves<sub>j</sub>) satisfaz o Critério-QU: o traço do sujeito está coindexado com AGR<sup>0</sup> e com "who", o que Rizzi (1991) identifica como um processo de concordância estática entre Spec/núcleo de CP (cf. 31b).

Numa estrutura de sujeito-QU com verbo auxiliar, a representação de estrutura-S se apresenta como:

(40) [CP NP+QU<sub>i</sub> [C<sup>0</sup><sub>i</sub> [AGRP t<sub>qu</sub><sub>i</sub> [AGR<sup>0</sup>+QU<sub>i</sub> be/have ...]]]]

em que "be"/"have" ocupam a posição núcleo AGR<sup>0</sup>+QU, e a concordância Spec/núcleo de CP, exigida pelo Critério-QU, é realizada pela formação de cadeia entre (NP+QU<sub>i</sub>, C<sup>0</sup><sub>i</sub>, t<sub>qu</sub><sub>i</sub>, AGR<sup>0</sup>+QU<sub>i</sub>).

Supomos que as possibilidades de C-S em estruturas de sujeito-QU, ilustradas com os seguintes dados<sup>30</sup>:

- (41) a) Which of these men es tu padre?  
 b) Cuál de esos hombres is your father?

encontram uma explicação na representação em (40): o Critério-QU é obedecido pela formação de cadeia, como ilustrado em (40)<sup>31</sup>.

#### 1.4. Alternância entre Sujeito Pronominal e Verbo

Tentaremos analisar, agora, outra restrição sobre o C-S que consideramos como mais um argumento a favor da hipótese de que os falantes bilingües, quando geram enunciados com alternância de códigos, consideram as representações mentais subjacentes aos enunciados das duas línguas em questão. A nossa proposta consiste em comparar diferentes construções com sujeito pronominal, em diferentes línguas, e inferir desses fatos possíveis/ prováveis restrições sobre alternância entre pronome sujeito e verbo.

Poplack (1981a:13) apresenta o seguinte contra-exemplo à restrição de *que*, nos enunciados com alternância de códigos, o pronome sujeito deve estar na mesma língua do verbo da sentença:

(42) You **estás diciéndole la pregunta** in the wrong person (P.A./43)

visto que, no enunciado em (42), o sujeito é uma forma pronominal do inglês e o verbo está em espanhol.

Duas questões interrelacionadas se colocam em relação a diferenças trans-lingüísticas quanto ao modo como os falantes de uma dada língua analisam os sujeitos lexicais (=expressões referenciais) e os sujeitos pronominais, e em relação à não identificação dos sujeitos pronominais como uma classe natural. Abordaremos cada uma delas abaixo.

A observação da ordem linear dos constituintes de construções como:

- (43) a) Jean achète un livre.  
b) Il achète un livre.

pode levar a uma conclusão errônea de que sujeito pronominal e sujeito lexical são sempre intercambiáveis, em francês. As sentenças abaixo nos mostram que há uma distribuição entre NP lexical/NP pronominal, em francês, apesar do seu estatuto de sujeito nas duas construções:

- (44) a) Jean, souvent, va au cinema  
b) \*Il, souvent, va au cinema (dados de Jaeggli 1982)

Na construção bem formada (44a), o sujeito lexical ocorre separado do verbo por um advérbio intercalado; a má formação de (44b) aponta para o fato de que o pronome deve ocorrer adjacente ao verbo (com exceção de certas formas clíticas, como os pronomes objeto, as formas "y", "en", que podem ser intercaladas entre o pronome sujeito e o verbo).

De modo semelhante, a agramaticalidade de (45a) e a gramaticalidade de (45b), abaixo:

- (45) a) \*A Jean parlé?  
b) A-t-il parlé? (dados de Rizzi & Roberts 1989)

mostram que também existe uma distribuição entre sujeito lexical/sujeito pronominal em posição pós-verbal, em contexto de interrogativa-S/N<sup>32</sup>. Tal distribuição indica, por sua vez, que diferentes representações subjacentes podem estar sendo atribuídas a esses elementos pelos falantes do francês, ou seja, os falantes do francês analisam diferentemente pronomes pré-verbais, pronomes pós-verbais e NP lexicais.

Se compararmos essas construções com as suas equivalentes em inglês, observamos que a restrição que impossibilita a ocorrência de (44b) e (45a) em francês não se mantém para o inglês:

- (46) a) John often goes to the movies  
 b) He often goes to the movies
- (47) a) Has John spoken?  
 b) Has he spoken? (dados de Rizzi & Roberts 1989)

Em inglês, portanto, diferentemente do francês, o sujeito pós-verbal, em contexto de interrogativa-S/N, pode ser lexical ou pronominal (cf. (46) e (47)). Considerando-se as possibilidades de realização do sujeito pronominal em (46) e (47), pode-se concluir que, em inglês, o estatuto sintático dos pronomes sujeito, quer pré, quer pós verbais, é o mesmo.

Estes fatos indicam, assim, que, em uma dada língua, os sujeitos pronominais podem, ou não, ser analisados da mesma forma que os sujeitos lexicais. Tal distribuição encontra uma explicação na caracterização de dois diferentes tipos de pronomes encontrados nas línguas humanas: o pronome sujeito do inglês é uma forma tônica e o pronome sujeito do francês é uma forma átona, o que nos conduz à segunda questão acima colocada: a não identificação dos pronomes como uma classe natural (cf. Rizzi 1986 e Couquaux 1986).

Evidentemente, o estatuto de um sujeito pronominal, seônico ou se átono, fará diferentes predições sobre as suas possíveis ocorrências numa dada língua, e acreditamos que também sobre as possibilidades de C-S em um qualquer par de línguas. A base empírica para estas observações surge de estudos que abordam o estatuto sintático dos pronomes sujeitos em línguas como o alemão, italiano, trentino, francês e inglês, estudos que discutem as propriedades sintáticas dos pronomes átonos e tônicos e que propõem uma distribuição dos pronomes átonos em clínicos sintáticos

e clíticos fonológicos, de acordo com a atuação desses elementos na sintaxe<sup>33</sup>.

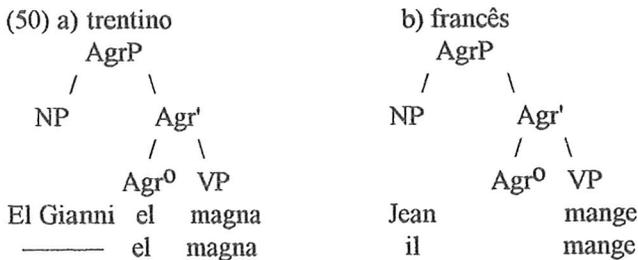
Consideraremos, inicialmente, o estatuto sintático dos pronomes sujeitos em francês e trentino, identificados como pronomes átonos (=clíticos), em construções como:

- (48) a) Il mange  
b) El magna

As ordens superficiais (estrutura linear) das construções (48a) e (48b) são semelhantes: Sujeito pronominal + Verbo. No entanto, elas são só superficialmente semelhantes, o que pode ser evidenciado a partir do contraste abaixo:

- (49) a) \*El Gianni magna  
b) El Gianni el magna  
c) Jean mange (dados de Rizzi 1986)  
d) Il mange

A distribuição entre (49a) e (49b) mostra que o clítico "el" é obrigatório em trentino, mesmo quando há um sujeito lexical presente. Rizzi (1986) demonstra que os dados em (49) encontram uma explicação na definição do estatuto do clítico em trentino: o pronome sujeito átono do trentino é um clítico sintático, um redobro da concordância, e, como tal, ocupa uma posição sintática diferente da ocupada pelo pronome sujeito francês, um clítico fonológico, quando em posição pré-verbal (abordaremos mais abaixo as propriedades do clítico pós-verbal do francês). Essas diferenças estão representadas abaixo:



em que o elemento "el" é um constituinte de  $AGR^0$ , enquanto que o elemento "il" ocupa a posição NP do sujeito.

As representações atribuídas a essas estruturas (adaptadas de Rizzi 1986:400) nos permitem analisar como teoricamente improvável a ocorrência de C-S entre:

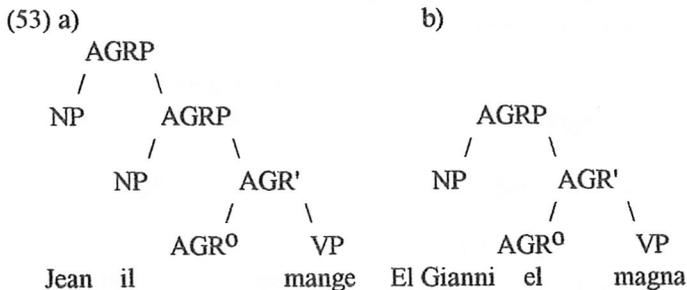
- (51) a) El magna  
b) Il mange

apesar das semelhanças superficiais de ordenação dos seus elementos, visto que "el" é um núcleo, uma categoria de nível  $X^0$ , enquanto que "il" é uma categoria sintática do nível XP, embora seja um clítico fonológico, quando em posição pré-verbal. Essa é uma diferença entre clíticos sintáticos/clíticos fonológicos que julgamos necessário ser considerada no estudo da alternância de códigos.

O francês permite uma construção semelhante à exemplificada em (49b), que repetimos abaixo:

- (52) a) El Gianni el magna. (= 49b)  
b) Jean il mange

em que os seus constituintes apresentam a seguinte ordenação linear: NP lexical + clítico + verbo. No entanto, as análises atribuídas a essas construções (cf. Rizzi 1986, Roberts 1990a, Kayne 1984, entre outros) mostram diferenças fundamentais entre elas, ilustradas nas representações abaixo:



em que o NP "Jean" é um sintagma deslocado (um elemento topicalizado), diferentemente de "el Gianni", que é o NP sujeito; observa-

se que em (53) o pronome "il" é o sujeito da sentença, enquanto que "el" é um elemento de AGR<sup>0</sup>, o que mostra a não existência de equivalência sintática entre esses elementos. Se as representações associadas a essas construções estão corretas, mais uma vez supomos ser impossível um enunciado com alternância de código entre "Jean"/"El Gianni", ou entre "il"/"el": tal enunciado violaria princípios da gramática relacionados com o licenciamento dessas construções.

Podemos observar agora o comportamento dos pronomes sujeitos em línguas que analisam estes elementos como clíticos fonológicos. Começaremos observando a oposição entre pronomes sujeitos tônicos e clíticos em uma língua germânica, o holandês, e veremos, desse modo, que a oposição entre sujeitos pronominais tônicos / clíticos não é um fenômeno específico de línguas românicas:

- (54) a) dat je gisteren / \*gisteren je ziek was.  
 que você ontem / ontem você doente estava  
 b) dat gisteren jij ziek was. (jij=você)  
 c) was ze gisteren / \*gisteren ze ziek?  
 d) was gisteren zij ziek? (zij=ela) (dados de Roberts 1990: 70)

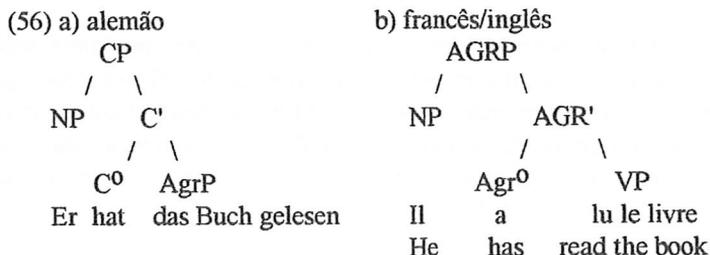
em que os pronomes sujeito clíticos "je"/"ze" devem ocorrer imediatamente à direita do complementador "dat" (cf. (54a)) e/ou da forma verbal flexionada "was" (cf. (54c)), enquanto que as formas tônicas "jij"/"zij" podem ser separadas desses elementos (cf. (54b) e (54d))<sup>34</sup>.

Comparemos, agora, as construções do alemão, francês e inglês a seguir:

- (55) a) Er hat [das Buch gelesen]. (ele leu o livro)  
 b) Il a [lu le livre].  
 c) He has [read the book].

Desconsiderando os elementos entre colchetes, que são realizações dos diferentes parâmetros escolhidos por essas línguas quanto à ordem verbo/objeto (OV = alemão e VO = francês/inglês), examinaremos as possibilidades / impossibilidades teóricas de alternância de códigos entre os pronomes sujeito e os verbos auxiliares dos enunciados em (55), que apresentam uma mesma organização linear.

Sendo os pronomes pré-verbais do francês e do alemão clíticos fonológicos (cf. Kayne 1984 e Tomaselli 1990), esperaríamos ser possível alternância entre esses pronomes e os verbos auxiliares. Contudo, se as representações sintáticas propostas para essas construções estão corretas, vemos que uma alternância entre esses elementos violaria a Condição de Equivalência:



As representações em (56) mostram que C-S entre o pronome sujeito em alemão e o verbo auxiliar em francês implicaria em o sujeito estar em Spec/C' e o Vaux em Agr<sup>0</sup>, muito distantes para que certas relações pertinentes a esses elementos ocorram<sup>35</sup>. Mais ainda, as representações apontam para uma total impossibilidade de C-S entre pronome sujeito do francês e Vaux do alemão, visto que "il" ocupa uma posição hierarquicamente mais baixa do que "hat" nas representações em (56).

Como observamos acima, "il" e "er" são analisados como clíticos fonológicos; assim sendo, uma possibilidade de C-S entre esses elementos poderia ser logo admitida no componente da forma fonológica. No entanto, há, mesmo assim, uma impossibilidade teórica para a alternância: "il" se cliticiza em Agr<sup>0</sup> e "er", em C<sup>0</sup>, que são os núcleos adjacentes aos pronomes. Portanto, não há equivalência no processo de cliticização.

Considerando que a construção (55c) do inglês tem a mesma representação sintática da construção (55b) do francês (cf. representação (56b)), uma pergunta se coloca sobre as possibilidades de C-S entre o sujeito-Vaux, nessas duas línguas. Nossa reflexão sobre isto consiste em que se as restrições sobre alternância atuam somente na sintaxe, uma alternância entre il-Vaux do inglês, ou entre he-Vaux do francês seria possível. Por outro lado, se as restrições também atuam no componente fonológico, duas possibilidades assimétricas podem ser consideradas: (a)

C-S é possível entre pronome sujeito do inglês e Vaux do francês; (b) C-S é impossível entre pronome sujeito do francês e o Vaux do inglês, por a natureza clítica de "il" necessitar de um tipo de Agr<sup>O</sup> que suporte cliticização<sup>36</sup>.

Observemos, agora, os enunciados em (57), construções interrogativas-S/N:

- (57) a) Hat er das Buch gelesen? (ele leu o livro?)  
 b) A-t-il lu le livre  
 c) Has he read the book?

com a seguinte representação sintática para as três construções:

- (58)
- |   |                |                    |
|---|----------------|--------------------|
|   | CP             |                    |
|   | /              | \                  |
|   | XP             | C'                 |
|   | /              | \                  |
|   | C <sup>O</sup> | AgrP               |
| Q | hat+er         | das Buch gelesen ? |
| Q | a-t-il         | lu le livre?       |
| Q | has            | he read the book?  |

A representação em (58) indica que C-S entre Vaux e pronome sujeito é possível entre alemão e francês, visto que em ambas as línguas o pronome pós-verbal é um clítico sintático. Quanto ao inglês, acreditamos existirem possibilidades assimétricas, o que corrobora, mais uma vez, a proposta de direcionalidade no C-S:

- (59) a) \*a - he = a escolha paramétrica do francês relacionada com a atribuição de Caso (cf. Roberts (1990a) não permite o licenciamento de um sujeito pós-verbal lexical nem, conseqüentemente, de um pronome tônico pós-verbal: só um pronome cliticizado ao verbo pode ocorrer em posição pós-verbal.  
 b) hat - he = nenhuma impossibilidade teórica na ocorrência de C-S entre esses elementos. O fato do alemão licenciar um sujeito lexical pós-verbal indica que ele também pode licenciar um pronome tônico pós-verbal.

- c) \*has - il/er = impossível devido às propriedades clíticas dos pronomes, se as propriedades de Agr do inglês não se qualificam como adequadas para hospedar um clítico<sup>37</sup>.

Concluimos, assim, que para definir as possibilidades de C-S entre pronome sujeito e verbo vários fatos lingüísticos devem ser considerados. Abordamos aqui tão somente dois deles: o estatuto categorial dos pronomes (tônicos/ clíticos sintáticos/ clíticos fonológicos) e as propriedades das categorias funcionais CP/ AGRP. Não pensamos, contudo, ter esgotado, assim, o assunto. Outros módulos da gramática, atuantes nas condições de licenciamento das relações pertinentes ao sujeito, poderão impossibilitar a ocorrência de alternância em um qualquer par de línguas que, por exemplo, tenham escolhido diferentes opções de atribuição de Nominativo, bem como diferentes opções quanto ao nível estrutural em que certos princípios da GU se aplicam: princípios de ligação, de licenciamento de posições vazias, de escopo de operador, e outros mais. Quanto à alternância exemplificada em (42), ela se torna possível porque inglês e espanhol possuem sujeitos pronominais tônicos.

## 2. Conclusão

Julgamos, portanto, que a investigação comparativa que apresentamos esclarece fatos interessantes sobre as possibilidades de alternância em um dado par de línguas, e apoia empiricamente nossa suposição de que as restrições sobre alternância, para terem um escopo amplo e geral, devem ser definidas em termos de representações mentais abstratas. Propomos, assim, que tal restrição deve se referir somente à não violação dos princípios da GU e dos parâmetros marcados pelas línguas. Se admitimos ser a Teoria de Princípios e Parâmetros um modelo de gramática ótimo para as línguas humanas, temos de reconhecer que também o é para os enunciados com alternância de códigos, visto serem eles resultantes da justaposição de duas gramáticas num enunciado. Concebemos, desse modo, que as alternâncias de códigos só devem ocorrer nos limites sintáticos em que a justaposição de  $L_1$  e  $L_2$  não viole nenhum dos princípios dos diversos subsistemas da gramática, ou seja, C-S deve ser licenciado por princípios da GU.

Se C-S resulta, em essência, na produção de enunciados em que partes deles são evidentemente de uma dada  $L_1$  e outras partes de  $L_2$ , e se cada fragmento sintático deve ser gramatical segundo as regras das línguas pertinentes, isto implica em que os enunciados em C-S são

dependentes de estrutura, o que tem sido assumido por muitos dos lingüistas preocupados com esse fenômeno (cf. Poplack (vide referências), Woolford 1983, entre outros). Contudo, se o princípio de dependência de estrutura se atém à estrutura hierárquica das sentenças, C-S não deve ser caracterizado como um fenômeno de superfície, ou estritamente de superfície, limitado à ordem linear dos enunciados.

Nossa análise tentou, portanto, pôr em evidência o fato de que os falantes de uma língua, assim como os do *code-switching*, usam regras computacionalmente complexas ao manejar as estruturas gramaticais de sua(s) língua(s), e que essas regras não consideram a ordem linear das expressões lingüísticas, mas, ao contrário, elas são dependentes de uma estrutura em termos de uma hierarquia de sintagmas de vários tipos.

Assumindo os princípios e parâmetros que atuam sobre as possíveis ordens de palavras nas línguas humanas, tentamos mostrar que usando os componentes dessa teoria de gramática temos um melhor meio de explicar as restrições sintáticas sobre C-S em um dado par de línguas com diferentes/ semelhantes ordens superficiais de palavras. Julgamos ter demonstrado neste estudo que a diferença entre ordem básica e ordem derivada tem um papel importante no estudo do C-S.

Sobre a proposta de língua base de Klavans (1985), as análises apresentadas apontam para o fato de que essa noção não pode ser pertinente ao fenômeno da alternância. Em todos os casos examinados, vimos que há uma articulação entre os princípios da GU e as escolhas paramétricas realizadas pelas línguas em questão na produção de sentenças com alternância de códigos. O próprio fato do C-S ser assimétrico, como discutido sobretudo no item 2.4., aponta claramente para a não admissão da noção de língua base.

(Recebido em 06/07/1994. Aprovado em 24/03/1995)

## NOTAS

\* Este estudo contou com valiosas observações do saudoso Fernando Tarallo, a quem expressamos nossos agradecimentos (in memoriam). Agradecemos também os comentários de dois pareceristas anônimos.

1 Usaremos a expressão "alternância de códigos" como sinônimo de *code-switching*.

- 2 Os antecedentes mais imediatos dessa proposta teórica são Chomsky, N. Lasnik, H. (1977). Filters and control. *Linguistic Inquiry*, 9: 268-274.). Como não vamos definir todo o arcabouço teórico assumido por essa teoria, remetemos o leitor interessado aos trabalhos de Radford (1988), Lasnik & Uriagereka (1988), Riemsdijk & Williams (1986) e Haegeman (1991), para informações adicionais. Os aspectos da teoria que são fundamentais ao desenvolvimento de nossas propostas serão discutidos durante o desenvolvimento do estudo.
- 3 Consideramos que o termo "estrutura superficial" é usado pelos estudiosos do C-S com a noção conceitual do modelo padrão da gerativa, que o aproxima mais do nosso conceito de estrutura-S do que do nosso conceito de estrutura superficial. Portanto, neste estudo, estaremos interpretando (e utilizando) o termo "estrutura superficial" como um equivalente a "estrutura-S", distinguindo-os no que a estrutura superficial expressa somente a ordem linear dos itens lexicais da sentença em questão, e a estrutura-S representa a sua constituição hierárquica (cf. nota 4).
- 4 A gramática de uma língua associa um conjunto de análises estruturais a um dado enunciado, cada uma dessas análises correspondendo a um nível específico de representação: estrutura-D (nível em que as relações gramaticais são definidas), estrutura-S (representação das relações lineares e hierárquicas dos diferentes constituintes de um dado enunciado), forma lógica (representação das propriedades semântico-lógicas dos enunciados) e forma fonológica ou estrutura de superfície (representação da estrutura fônica de um enunciado). Para descrever as estruturas permitidas em uma dada língua, a gramática deve conter uma caracterização das propriedades dos itens lexicais e uma explicitação das relações entre o nível lexical e o nível sintático. Nesse modelo de gramática, as representações de estrutura-S e de estrutura superficial, portanto, são definidas diferentemente.
- 5 apud Poplack (1978) as restrições de alternância propostas por Timm e Gumperz.
- 6 Cf. sobretudo Poplack (1979:585), entre outros dos seus trabalhos (cf. referências).
- 7 Não reservamos nenhum item deste estudo para abordar as questões relacionadas com as propostas de língua base e da existência de uma gramática de C-S. No entanto, toda a análise que desenvolvemos no estudo negam a possibilidade dessas propostas noções serem pertinentes ao fenômeno da alternância (cf. Conclusão).
- 8 Teceremos somente algumas considerações gerais sobre as construções inacusativas. Maiores detalhes de análise, cf. Herschensohn (1982), Belletti (1988), Jaeggli (1982) Kayne (1984), entre outros.
- 9 Mantemos as abreviaturas dos termos técnicos lingüísticos utilizadas em inglês, a saber: CP (sintagma complementador), C<sup>0</sup> (núcleo do complementador), AGRP (sintagma da concordância), AGR<sup>0</sup> (núcleo da concordância), NP (sintagma nominal), VP (sintagma verbal), V<sup>0</sup> (núcleo

- verbal), XP (um sintagma X qualquer), NEGP (sintagma da negação), NEG<sup>0</sup> (núcleo da negação), t<sub>v</sub> (traço do verbo), t<sub>agr</sub> (traço da concordância).
- 10 Representamos na estrutura-D em (5) o núcleo verbal e os afixos flexionais como constituintes de V<sup>0</sup> por economia de exposição. No entanto, sabe-se que em estrutura-D os afixos flexionais da concordância são realizados em AGR<sup>0</sup> e o núcleo verbal em V<sup>0</sup>. Na estrutura-S, V<sup>0</sup> e AGR<sup>0</sup> devem se encontrar adjungidos, para realização dos afixos flexionais na forma verbal.
  - 11 Um revisor anônimo comenta que não se deveria esperar encontrar sujeitos expletivos nas construções em (8) e (9), desde que os verbos são marcados para terceira pessoa de plural, concordando assim com o objeto sintático. Ao contrário dele, pensamos que tal fato reforça a análise do sujeito expletivo nessas construções. Embora não tenha deixado explícito, penso que os comentários do revisor possam estar sendo derivados de uma análise de deslocamento do sujeito para a direita, estando, nesse caso, a posição de sujeito preenchida por um traço-NP. Contudo, considerando que sujeitos pronominais podem ocorrer nesse tipo de construção e que sujeitos pronominais não aceitam ser deslocados à direita, a análise possível para (8) e (9) é considerar que não há deslocamento de sujeito e que o sujeito lógico está em sua posição básica, a de objeto de verbo ergativo. Isto conduz a um outro ponto. Tratando-se de verbos ergativos, que selecionam semanticamente um único argumento, e admitindo-se o Princípio de Projeção Estendida, que requer uma estrutura Sujeito-Predicado para todas as construções sintáticas, então pode-se concluir que a posição de sujeito está preenchida por um pronome expletivo vazio, independente de AGR ser plural.
  - 12 Sobre a representação de V<sup>0</sup>+AGR<sup>0</sup> em AGR<sup>0</sup>, cf. nota 10.
  - 13 Isso não significa que o verbo ou a concordância afixada ao verbo definam uma língua base da construção com alternância. Simplesmente, determinados mecanismos de licenciamento do sujeito são da alçada do núcleo AGR<sup>0</sup>. Queremos ainda comentar que, em geral, as línguas de sujeito nulo não desenvolvem nenhum tipo de sujeito expletivo, e os sujeitos pronominais referenciais são usados com valor enfático. A teoria da gramática analisa AGR<sup>0</sup> como o licenciador formal/ funcional do sujeito vazio. Cf. também nota 16.
  - 14 Sobre os princípios que atuam no licenciamento dos NPs pós-verbais, nesse tipo de estrutura. cf. referências citadas na nota 8.
  - 15 apud Poplack (1981a) e Woolford (1983).
  - 16 As diferenças quanto às possibilidades de movimento dos núcleos V<sup>0</sup> e AGR<sup>0</sup> são explicadas por Pollock (1989) e Roberts (1990a) em termos de diferentes propriedades do constituinte AGR<sup>0</sup> nas línguas, propriedades estas relacionadas com a teoria temática: AGR<sup>0</sup> opaco impede a transmissão de papel temático do verbo; AGR<sup>0</sup> transparente permite transmissão de papel temático.

- 17 Para maiores detalhes desse assunto, cf. Pollock (1989) e Roberts (1990a), entre outros.
- 18 Roberts (1990a:312) observa que a estrutura (d) será bem formada se "do" for realizado com acento enfático.
- 19 O licenciamento de clíticos objeto é um bom exemplo para ilustrar a rigidez dos processos de ênclise e próclise nas línguas, como nas construções do francês abaixo:
- (i) Jean me le donne  
 \*Jean me donne le/ \*le donne me/ \*donne le me/  
 \*donne me le / le me donne
- (ii) Donnez-le lui  
 \*le lui donnez/ \*lui le donnez
- em (i) só próclise à forma do verbo "donner" é possível; em (ii), só ênclise. O fato de algumas línguas permitirem uma maior liberdade no posicionamento dos clíticos em certas construções não invalida o que estamos afirmando porque, mesmo nessas línguas, as possibilidades de variação são bem definidas.
- 20 Um revisor anônimo sugere que a agramaticalidade de (25e) poderia ser explicada considerando-se que 'no' deveria estar proclítico ao verbo. No entanto, observamos que tal explicação não permitiria excluir a construção em (25b), em que 'no' está proclítico ao verbo e, mesmo assim, a alternância não é possível. Quanto à construção em (25c), é sugerido que a impossibilidade de alternância deve-se ao fato de que 'not' não pode ser alçado sem cliticizar. Contudo, a comparação entre (25c) e (25f) parece indicar não ser esta a questão envolvida nas impossibilidades dessas construções, desde que em (25f) não há alçamento da negação e, no entanto, a alternância é impossível.
- 21 Essa construção só poderia ser analisada como bem formada, de acordo com os princípios por nós assumidos, se a forma "no" permitisse ser analisada como uma categoria adverbial do nível XP, o que consideramos improvável. No entanto, se pesquisas posteriores apontarem para a possibilidade da forma "no" poder ser um XP adverbial, algumas das conclusões apresentadas acima precisarão ser revistas.
- 22 Um revisor anônimo indaga como poderia o verbo do inglês estar corretamente marcado para tempo passado se só a gramática do espanhol se aplica na construção em (26). Observa-se que a estratégia de inserção de NP, neste caso, consiste em inserir uma expressão inglesa numa sentença gerada pela gramática do espanhol, possivelmente num processo de adjunção. Desse modo, a seqüência 'took the money' deve ser gerada pela gramática do inglês e adequadamente adjungida na representação gerada pela gramática do espanhol. Não se trata, portanto, da estratégia do *code-switching*, em que estão em jogo as representações geradas simultaneamente pelas duas gramáticas.

- 23 Cf. Radford (1988) para uma explicação básica das propriedades gerais das estruturas interrogativas; Rizzi (1989, 1990 e 1991) para uma formalização dessas propriedades; Torrego (1984) e Contreras (1989) para um estudo dessas construções no espanhol. Nossas considerações gerais sobre as estruturas-QU se baseiam sobretudo nestes estudos, ou seja, nas propostas desses linguístas na explicação dessas construções nas referidas línguas.
- 24 Esse fato encontra uma explicação na análise apresentada no item 2.2: se um verbo pleno não pode ser movido para AGR<sup>0</sup>, em inglês, ele também não poderá ser movido para C<sup>0</sup>, visto que esse movimento pressupõe o primeiro, ou seja, o elemento verbal deve primeiro passar por AGR<sup>0</sup> para depois se deslocar para C<sup>0</sup>.
- 25 Rizzi (1991) observa que o Critério-QU é uma condição de boa formação que se aplica universalmente em Forma Lógica, mas que também atua nas representações de estrutura-S das línguas que apresentam movimento-QU na sintaxe.
- 26 Contreras (1989:169) observa que as construções com "cómo" se distribuem como segue:
- (i) Cómo volvi6 Juan? (advérbio de modo)
  - (ii) \*Cómo Juan volvi6? (advérbio de modo)
  - (iii) Cómo Juan volvi6 de sus vacaciones europeas?  
(cómo=*how come*)
  - (iv) Como (que) Juan volvi6? (cómo=*how come*)
- em que cómo= advérbio de modo é incompatível com um sujeito pré-verbal; cómo= *how come* ocorre livremente com sujeito pré-verbal. Não vamos trabalhar com essa distinção aqui, mas queremos observar que esses fatos também devem ser considerados no estudo da alternância.
- 27 O símbolo Q em C<sup>0</sup> e em AGR<sup>0</sup> significa que esses constituintes não são especificados em estrutura-D para o traço +QU
- 28 Isto significa que em estrutura-D uma palavra-QU do inglês em Spec/CP não está associada a um C<sup>0</sup> +QU; de modo semelhante, a realização de um verbo do espanhol não está associada a um traço +QU em AGR<sup>0</sup>, derivamos, assim, (37c).
- 29 Um revisor anônimo sugere que (35b) poderia ser excluída considerando-se que a concordância dinâmica é uma estratégia de último recurso, desse modo não se aplicando quando há alçamento de um AGR[+QU] contendo um verdadeiro auxiliar do inglês (excetuando 'do', como no exemplo em (33d)).
- 30 A análise que estamos assumindo é pertinente somente às construções de sujeito-QU em sentenças raiz; em sentenças subordinadas, outros fatores precisam ser considerados.
- 31 Torrego (1984) diz que em espanhol a inversão sujeito-verbo ocorre em todas as estruturas de movimento-QU de um argumento, incluindo-se aí o argumento sujeito. A análise que estamos propondo não assume esta posição de Torrego (1984). Consideramos que o fato de o sujeito do espanhol ser gerado em posição pós-verbal, e de poder permanecer nessa posição em

- estrutura-S, explica melhor os casos evidentes de sujeito pós-verbal (nas estruturas subordinadas) quando o sujeito da matriz sofre movimento-QU. Talvez esse seja mais um dos problemas teóricos que os dados da alternância podem auxiliar na avaliação das hipóteses. Cf. Contreras (1989) e Roberts (1990a) para uma análise da posição do sujeito em espanhol, italiano e inglês.
- 32 Não vamos trabalhar aqui com a teoria dos Casos, mas cf. Rizzi & Roberts (1989) e Roberts (1990a) para uma explicação dessa distribuição pelos princípios e parâmetros de atribuição de Nominativo.
- 33 As propostas que apresentamos conferem com: alemão (Tomaselli 1990; Roberts 1990a), italiano (Rizzi 1986), trentino (Rizzi 1986, Roberts 1990b), francês (Kayne 1977/1984, Couquaux 1986, Rizzi & Roberts:1989, Rizzi 1986, Roberts 1990a) e inglês (Kayne 1984, Roberts 1990a). Um revisor anônimo comenta que a discussão dos clíticos sujeito apresentada aqui não é a única possível. Contudo, queremos ressaltar que o ponto central de discussão neste item foi o de que qualquer análise da alternância de códigos deve ter em conta os possíveis diferentes estatutos dos pronomes sujeito. Desse modo, qualquer que sejam as análises para os pronomes sujeito do francês, alemão, trentino e italiano, tal análise deve estabelecer certas diferenças entre sujeito nominal e sujeito pronominal e entre os sujeitos pronominais entre si mesmos. E essas diferenças devem ser consideradas nos estudos da alternância de códigos.
- 34 Essa distribuição tem sido analisada como uma exigência da língua de que os pronomes sujeitos clíticos se realizem em adjacência imediata à posição C<sup>0</sup>.
- 35 Por exemplo, o constituinte AGR<sup>0</sup> de um enunciado deve estar numa posição de regência ou concordância Spec/núcleo com seu sujeito para que possa lhe atribuir Nominativo. Como AGR<sup>0</sup> do francês só se move para C<sup>0</sup> em ambientes bastante restritos, diferentes do especificado acima, o sujeito não poderia ser marcado para Caso.
- 36 Estamos considerando, assim, que se uma língua não tem clíticos é porque seu constituinte Agr<sup>0</sup> não possui as propriedades necessárias para hospedar um clítico.
- 37 Estamos admitindo, mais uma vez (cf. nota 36), que a existência de clíticos numa língua está relacionada com a possibilidade do constituinte AGR<sup>0</sup> hospedar um clítico. Se estas suposições não estão corretas, C-S poderá ocorrer, se outros princípios não estiverem sendo violados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLETTI, A. (1988) The case of unaccusatives. *Linguistic Inquiry*, 19 (1): 1-34. MIT.
- \_\_\_\_\_ (1990) On the morphosyntactic nature of the sequence "aux+past participle" in italian. In J. Mascarõ & M. Nespõr (Eds.) (1990)

- Grammar in Progress; Glow essays for Henk van Riemsdijk.*  
Dordrecht: Foris Publications.
- BENTAHILA, A. & E. DAVIES (1983) The syntax of arabic-french code-switching. *Lingua*, 59: 301-30.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding.*  
Dordrecht: Foris Publications.
- CONTRERAS, H. (1989) Closed domains. *Probus*, 1.2: 163-80.  
Holland/USA: Foris Publications.
- COUQUAUX, D. (1986) Les pronoms faibles sujet comme groupes nominaux. In M. Ronat & D. Couquaux (eds.) (1986) *La Grammaire Modulaire*: 25-46. Paris: Les Editions de Minuit.
- HAEGEMAN, L. (1991) Introduction to government and binding theory.  
University of Geneva. mimeog.
- HERSCHENSOHN, J. (1982) The french presentational as a base generated structure. *Studies in Language*, 2: 193-219
- JAEGGLI, O. (1982) *Topics in Romance Syntax.* Dordrecht: Foris Publications.
- KAYNE, R. (1977) *Syntaxe du Français: Le cycle transformationnel.*  
Paris: Éditions du Seuil.
- \_\_\_\_\_ (1984) *Connectedness and Binary Branching.* Dordrecht: Foris Publications.
- KLAVANS, J. L. (1985) The syntax of code-switching: spanish and english. In L. D. King & C. A. Maley (eds.) (1985) *Selected Papers from the XIII th Linguistic Symposium on Romance Languages*, 36: 213-31. Amsterdam - Philadelphia: Benjamins.
- NAÏT M'BAREK, M. & D. SANKOFF (1988) Le discours mixte arabe/français: emprunts ou alternances de langue? *Canadian Journal of Linguistics. La revue canadienne de linguistique* 33 (2): 143-54.
- POLLOCK, J-Y. (1989) Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20 (3): 365-424. MIT.
- POPLACK, S. (1979) Sometimes I'll start a sentence in spanish y termino en espanol: toward a typology of code-switching. *Linguistics*, 18: 581-618.
- \_\_\_\_\_ (1981a) Syntactic structure and social function of code-switching.  
In R. P. Duran (ed.) *Latino Language and Communicative Behavior*: 171-84. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation.
- RADFORD, A. (1988) *Transformational Grammar; A first course.*  
Cambridge: University Press.
- RIEMSDIJK, H. van & E. WILLIAMS (1986) *Introduction to the Theory of Grammar.* Cambridge, Mass: MIT Press.

- RIZZI, L. & I. ROBERTS (1989) Complex inversion in French. *Probus* 1.1: 1-30. Holland/USA: Foris Publications.
- RIZZI, L. (1986) On the status of subject clitics in romance. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalan (eds.) (1986) *Studies in Romance linguistics*. Dordrecht: Foris Publications.
- \_\_\_\_\_ (1989) Relativized minimality. Université de Genève. mimeog. (a ser publicado em Linguistic Inquiry Monograph Series, the MIT Press.)
- \_\_\_\_\_ (1990) Speculations on verb second. In J. Mascarõ & M. Nespor (eds.) (1990) *Grammar in Progress; Glow essays for Henk van Riemsdijk*. Dordrecht: Foris Publications.
- \_\_\_\_\_ (1991) Residual verb second and the WH criterion. Université de Genève. mimeog.
- ROBERTS, I. (1990a) Verbs and diachronic syntax. University of Geneva. mimeog.
- \_\_\_\_\_ (1990b) Inversion and subject clitics in Valdotain. Université de Geneva. mimeog.
- SANKOFF, D. & S. MAINVILLE (1986) Code-switching of context-free grammars. *Theoretical Linguistics*, 13, 1/2: 75-90.
- SANKOFF, D. & S. POPLACK (1981) A formal grammar for code-switching. *Papers in Linguistics; International journal of human communication*, 14 (1): 3-46.
- TOMASELLI, A. (1990) COMP<sup>0</sup> as licensing head: an argument based on cliticization. In J. Mascarõ & M. Nespor (eds.) (1990) *Grammar in Progress; Glow essays for Henk van Riemsdijk*. Dordrecht: Foris Publications.
- TORREGO, E. (1984) On inversion in Spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, 15 (1):103-29.
- WOOLFORD, E. (1983) Bilingual code-switching and syntactic theory. *Linguistic Inquiry*, 14 (1) MIT.